



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE  
PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL

EDINEIDE PEREIRA DA SILVA

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS**

A DISLEXIA

BRASÍLIA  
2007

EDINEIDE PEREIRA DA SILVA

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS**

**A DISLEXIA**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia –  
Formação de Professores para as séries iniciais do  
Ensino Fundamental, da Faculdade de Ciências da  
Educação – FACE, do Centro Universitário de Brasília –  
UniCEUB.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Eleusa Montenegro

BRASÍLIA  
2007

Dedico esta monografia, primeiramente a Deus, esse amigo de todas as horas, cheio de infinita bondade e misericórdia. A meus pais, Julita e Manoel, por me ensinarem o real significado da vida. A meus filhos André, Daniel e Maria Vitória.

E, por fim, ao meu amor Antônio Ariuton, por me proporcionar momentos de muita felicidade, compreensão e companheirismo.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Professora Doutora Maria Eleusa Montenegro, por toda a confiança em mim depositada.  
Aos meus amigos, Clícia e Victor, por todas nossas conversas e por serem tão humanos, generosos e compreensivos.

## RESUMO

O professor deve compreender a aprendizagem, o desenvolvimento e as dificuldades de aprendizagem das crianças das séries iniciais. A dislexia este foi o tema escolhido para este trabalho de conclusão do curso de graduação. O objetivo principal desta pesquisa foi investigar o trabalho do professor com a criança disléxica. O enfoque desta monografia foi voltado para a abordagem qualitativa, pois houve o contato direto do pesquisador com o ambiente e com a situação que estava sendo investigada, através do trabalho de campo. Este trabalho ocorreu em uma escola pública do Distrito Federal localizada na região administrativa do Paranoá, cujos participantes foram 4 docentes das séries iniciais do ensino fundamental. O instrumento utilizado foi questionário. As categorias selecionadas para a organização, análise e discussão dos dados coletados foram: conceituação de dislexia; interferência da dislexia na aprendizagem; características da dislexia; procedimentos diante do aluno disléxico; e escola/ família no trabalho com a dislexia.

Professora :Buscou maiores informações sobre a Dislexia;Procurou trabalhar as diferenças com a turma, obtendo melhor compreensão do comportamento da criança;O aluno teve concentração por mais tempo;Melhor relacionamento com os colegas;Participação ativa das atividades propostas.Resultados

Como consideração final, pode-se dizer que foi possível verificar a importância do desenvolvimento da criança em sala de aula e o entusiasmo em querer saber mais. Quando isso ocorre, a criança começa a adquirir, também, a capacidade de viver em grupo, posicionar-se melhor diante dos problemas e encontrar alternativas ou respostas, dentro das necessidades. A partir disso, a criança começa a assumir sua função de cidadã dentro da sociedade. É importante a adoção de metodologias de ensino, por parte dos educadores, para o estímulo dessas habilidades. Sugere-se aos professores que explorem e estimulem, ainda mais, as crianças que possuem essa dificuldade de aprendizagem - a dislexia.

### **Palavras-chave:**

Aprendizagem. Dislexia. Dificuldades de Aprendizagem.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
1.1. JUSTIFICATIVA .....	8
1.2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA .....	9
1.3. OBJETIVOS .....	10
1.3.1. Objetivo Geral .....	10
1.3.2. Objetivos Específicos .....	10
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>11</b>
2.1. DISLEXIA .....	11
2.2. MANIFESTAÇÃO DA DISLEXIA .....	12
2.2.1. Dislexia da linguagem interior .....	12
2.2.2. Dislexia auditiva .....	13
2.2.3. Dislexia visual.....	13
2.2.4. Hiperlexia .....	14
2.3. NÍVEIS DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS CRIANÇAS .....	14
2.4. DIAGNÓSTICO DE DISLEXIA .....	18
2.5. A DISLEXIA E A ALFABETIZAÇÃO .....	19
2.6. LEITURA E ESCRITA .....	21
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>24</b>
3.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	24
3.2. INSTRUMENTO DA PESQUISA.....	24
3.3. CENÁRIO E PARTICIPANTES .....	25
3.4. ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA .....	25
3.5. ESPECIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS.....	26
3.6. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	26
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES</b> .....	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>33</b>
<b>APÊNDICE - QUESTIONÁRIO</b> .....	Erro! Indicador não definido.

## 1 INTRODUÇÃO

Este tema tem como objetivo investigar sobre a dislexia, bem como colaborar com os professores oferecendo-lhes informações para a superação desse problema. Acredita-se que com esse estudo está acadêmica será enriquecida em sua formação acadêmica, abrindo-lhes novos horizontes.

Nesse sentido, pretende-se conhecer a dislexia como sendo uma dificuldade de aprendizagem, observando a conduta do professor diante de sintomas característicos dessa síndrome, em sala de aula, verificando se a escola possui recursos para lidar com essa dificuldade na aprendizagem, possibilitando, portanto, a compreensão deste problema para, no futuro, como educadora, atuar de forma efetiva, ou seja, com conhecimentos e habilidades para tal fim.

Segundo a professora e fonoaudióloga Leila Boni Guerra (2002), a dislexia é uma específica dificuldade de aprendizado da linguagem: em leitura, soletração, escrita, em linguagem expressiva ou receptiva, em razão e cálculo matemáticos, como na linguagem corporal e social. Não tem como causa a falta de interesse, de motivação, de esforço ou de vontade, como nada tem a ver com acuidade visual ou auditiva. Dificuldades no aprendizado da leitura, em diferentes graus, é característica evidenciada na maioria dos disléxicos.

Para entender o que é esse distúrbio, faz-se necessário a compreensão do que sejam as dificuldades de aprendizagem e, para identificar a dificuldade de aprendizagem em uma criança, é preciso antes de tudo entender o que é aprendizagem e quais os fatores que nela interferem. Segundo Strick (2001, p. 21), as dificuldades de aprendizagem são:

desordens manifestadas por problemáticas significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático. Tais desordens, consideradas intrínsecas ao indivíduo, presumindo-se que sejam devidas a uma disfunção do sistema nervoso central, podem ocorrer durante toda a vida. Problemas na auto-regulação do comportamento, na percepção social e na interação social podem existir com as dificuldades de aprendizagem. Apesar das dificuldades de aprendizagem ocorrerem com outras deficiências (por exemplo, deficiência sensorial, deficiência mental, distúrbios sócio-emocionais) ou com influências extrínsecas (por exemplo, diferenças culturais, insuficiente ou inapropriada instrução, etc.), elas não são o resultado dessas condições.

Em “A criança com dificuldade de aprendizagem”, Guerra (2002) revela-se como uma profissional estudiosa e inquieta, sempre envolvida com a ajuda às crianças com dificuldade que, muitas vezes, apressadamente rotuladas como incapazes e são impedidas de avançar ou obter ganhos no seu desenvolvimento.

A partir de considerações que lhe servem de fundamentos, esta autora, passo a passo, repensa as práticas que devem alimentar o enriquecimento pessoal da criança com dificuldade de aprendizagem. Muito importante e inovador é o encontro que ela promove entre a família/terapeuta/escola, por meio da recomendação de exercícios que deverão ser praticados pelos pais e co-terapeutas. (GUERRA, 2002).

### 1.1. JUSTIFICATIVA

Propõem-se, aqui, uma investigação teórico/prática sobre o Distúrbio da Dislexia, suas causas, como esta se manifesta e quais as orientações seguir para amenizar o problema. Isso poderá proporcionar, aos atuais/futuros educadores, maiores competências e habilidades para intervirem junto aos alunos com estas dificuldades.

Entende-se que muitas das dificuldades enfrentadas pela criança disléxica em seu processo de aprendizagem são devidas à falta de compreensão dos pais e dos professores na convivência cotidiana e dos professores no ambiente de sala de aula, sendo reflexos do desconhecimento ao problema.

Dislexia é causa de evasão escolar no país e uma das responsáveis pelo chamado "analfabetismo funcional" que, pela criança permanecer envolta no desconhecimento, na desinformação ou na informação imprecisa, é considerado como desencadeante de insucessos no aprendizado.

As dificuldades de aprendizagem constituem-se em um assunto vivenciado diariamente por educadores na sala de aula, sendo temas que despertam a atenção para a existência de crianças que freqüentam a escola ou



infantário e apresentam problemas de aprendizagem. Por muitos anos, tais crianças têm sido ignoradas, mal diagnosticadas e mal tratadas. As dificuldades de aprendizagem são uma das maiores preocupações dos educadores, pois, com frequência, são encontradas as soluções para tais problemas.

Esta aluna acredita que as crianças com problemas de aprendizagem constituem um desafio em matéria de diagnóstico e educação. No entanto, não é raro encontrar educadores que consideram estes alunos como preguiçosos e desinteressados. Essa atitude não só rotula o aluno, como também esconde a prática docente do professor, que atribui aos alunos certos adjetivos por falta de conhecimento sobre o assunto em questão. Muitos desses professores desconhecem, por completo, que essas mesmas crianças podem apresentar algum problema de aprendizagem, de ordem orgânica, psicológica, social, ou outra. Enfim, são tantas as variáveis que são imprescindíveis, ao professor, conhecer os problemas mais comuns no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, conseguirá ampliar o seu horizonte de reflexão e, conseqüentemente, também as suas percepções e a visão do todo.

## 1.2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Essa pesquisa pretendeu apresentar ao pedagogo, situações do cotidiano escolar sobre a dislexia.

Parte-se da seguinte questão:

O que se pode fazer para colaborar com os profissionais da educação no sentido de superação de algumas dificuldades da dislexia?

### 1.3. OBJETIVOS

Alguns objetivos foram traçados para a realização deste trabalho de pesquisa. Esses objetivos foram de suma importância para a delimitação do foco de investigação, bem como para a definição dos tópicos constantes no referencial teórico.

#### 1.3.1. Objetivo Geral

Investigar o distúrbio da dislexia, com vistas a oferecer subsídios aos profissionais da educação.

#### 1.3.2. Objetivos Específicos

- Verificar se a escola possui recursos para lidar com a dislexia na aprendizagem.
- Compreender o problema para que, no futuro, como educadora, possa atuar de forma efetiva, ou seja, com habilidade e competência.
- Oferecer subsídios a outros profissionais do ensino.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. DISLEXIA

Segundo a professora e fonoaudióloga Leila Boni Guerra (2002), a dislexia é uma específica dificuldade de aprendizado da linguagem: em leitura, soletração, escrita, em linguagem expressiva ou receptiva, em razão e cálculos matemáticos, como na linguagem corporal e social. Não tem como causa a falta de interesse, de motivação, de esforço ou de vontade, como nada tem a ver com acuidade visual ou auditiva. Dificuldades no aprendizado da leitura, em diferentes graus, é característica evidenciada na maioria dos disléxicos.

Segundo Guerra (2002), dislexia é um jeito de ser e de aprender; reflete a expressão individual de uma mente, muitas vezes arguta e até genial, mas que aprende de maneira diferente.

Para bem definir o que é esse distúrbio, é preciso que melhor se possa entender o ser humano, como ele aprende e o porquê de seu modo peculiar de aprender. Por isto, existem cerca de 40 definições propostas para responder o que é dislexia, porém, nenhuma delas é universalmente aceita. Isto também acontece porque o profissional engajado em diferentes áreas da Educação e da Saúde e envolvido em pesquisas sobre facilidades e dificuldades de aprendizado, aborda o problema sob ângulos diferenciados e pelo enfoque de sua área específica de análise, acrescido de seu grau pessoal de conhecimento e sensibilidade. É por isto que também existem mais de 100 diferentes nomes para identificar essa específica dificuldade de aprendizado, sendo que dislexia é o que melhor pode traduzir essa síndrome, claramente diagnosticada através de seus sintomas e sinais. (GUERRA, 2002).

Guerra (2002) esclarece, também, que as crianças com dificuldades de aprendizagem podem apresentar uma série de características próprias e problemas associados, tais como: atenção; percepção; cognitivos; memória; psicomotores; psicolingüísticos e emocionais. Estes fatores podem agir individualmente ou inter-relacionados, os quais devem ser observados e avaliados para que se possa fazer um diagnóstico adequado. Contudo,

necessita-se investigar e descobrir qual ou quais destes fatores estão mais influenciando nas dificuldades manifestadas por uma criança. Dentre as características podem-se observar diversos tipos de mudanças no comportamento, por manifestarem insegurança e baixa auto-estima tendem a apresentar ansiedade, regressões, oposições, agressividade reacional, tensão e problemas nos relacionamentos interpessoais, tudo isso acarretando num rebaixamento em suas habilidades sociais.

## 2.2. MANIFESTAÇÃO DA DISLEXIA

Segundo Myklebust, citado por Guerra (2002), a dislexia pode ser caracterizada de várias formas no sujeito. São elas:

### 2.2.1. Dislexia da linguagem interior

É a mais severa das formas de dislexia. A criança percebe os grafemas e decodifica para os equivalentes auditivos, lendo alto, simplesmente. A função de significação não é atingida ("criança repetidora de palavras").

De acordo com Myklebust, a Dislexia constitui uma desordem cognitiva e uma desordem de linguagem; a desordem cognitiva porque se concentra na problemática da significação da linguagem interior, da abstração, da formação dos conceitos e das metáforas. Para o autor, a Dislexia evidencia uma perturbação no processo de simbolização - decodificar e simultaneamente compreender são um todo no processo da leitura e da escrita. (GUERRA, 2002, p. 34).

### 2.2.2. Dislexia auditiva

Afeta o processo cognitivo que relaciona os fonemas com os grafemas na formação das palavras. Ler é de certa forma "ver" e "ouvir". A "visualização" pressupõe a "auditorização" dos grafemas, isto é, a capacidade de simbolizar e de codificar a informação. O que está afetado é a auditorização dos grafemas, por isso as funções de silabação (soletração), a fonologia e a função auditiva são um indicativo muito forte no êxito da leitura. A facilidade em adquirir as características auditivas de uma palavra é um processo básico de informação a que se deve dar mais atenção. (GUERRA, 2002).

### 2.2.3. Dislexia visual

Para Myklebust (apud GUERRA, 2002), a dislexia visual é a dificuldade de discriminação visual inerente às características das letras (grafemas): tamanho, forma, linhas retas ou curvas, ângulos, orientação vertical ou horizontal. Quando as letras não são reconhecidas como letras, tem-se uma dislexia visual. Nesse caso, não é a função de compreensão ou significação que está em pauta: o problema é o da discriminação que afeta a codificação visual dos grafemas e a formação das palavras, prejudicando a simbolização. Da identificação das letras (aspecto visual) à síntese das sílabas, aspecto também auditivo, destas às palavras, podem passar-se diferentes problemas de reconhecimento visual.

Devido à variedade de envolvimento, ainda segundo Guerra (2002), não se pode usar uma abordagem terapêutica unitária. Os procedimentos terapêuticos dependem da natureza da dislexia. Um objetivo importante é o desenvolvimento da integração da experiência, da palavra falada e da palavra escrita. Dá-se ênfase a tal integração bem como à reciprocidade das funções. Para se atingir este objetivo, é necessário um estudo de cada criança para que o plano terapêutico se ajuste ao padrão das dificuldades.

## 2.2.4 Hiperlexia

Segundo Healy (1982 apud GUERRA, 2002) a síndrome da hiperlexia foi cunhada e descrita pela primeira vez por Silberberg e Silberberg em 1967, referindo-se a crianças que apresentam uma habilidade precoce para reconhecer a palavra escrita, embora não compreendam o seu significado, podendo estar relacionada a uma anormalidade neurológica caracterizada pelo desenvolvimento precoce da função cerebral específica. Essas crianças apresentam déficits neuropsicológicos extensos e, geralmente, retardo mental, mas desenvolvem uma excepcional habilidade no domínio da leitura e escrita, sendo na prática clínica referidas aos especialistas com diagnósticos como autismo, atraso de linguagem, dificuldades de aprendizagem, déficit de atenção e hiperatividade.

Segundo a Associação Americana de Hiperlexia (2001), a dislexia apresenta as seguintes características:

- Habilidade precoce para ler palavras, muito além do que poderia ser esperado para a idade cronológica, ou uma intensa fascinação por números ou letras.
- Significativa dificuldade para entender a linguagem verbal.
- Dificuldade para se socializar e interagir adequadamente com as pessoas sendo na prática clínica referidas aos especialistas com diagnósticos como autismo, atraso de linguagem, dificuldades de aprendizagem, déficit de atenção e hiperatividade.

## 2.3 NÍVEIS DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS CRIANÇAS

Estudioso da problemática infantil, Garcia (1995) distinguiu e caracterizou diferentes níveis de dificuldades de aprendizagem. A dificuldade transitória numa única área é uma situação passageira. Por exemplo, em um momento da vida da criança, ela não consegue realizar uma divisão. Quando o professor detecta que um aluno não consegue assimilar determinado conteúdo, é importante que desenvolva estratégias variadas, colocando o assunto de diferentes maneiras, até que seja possível a superação da dificuldade.

O que fica para trás, torna-se cumulativo, transformando-se num obstáculo à aprendizagem posterior. O professor deve ter em conta que a aprendizagem se realiza ligada à parte afetiva da criança. Não se pode separar aprendizagem de afeto. É importante que o professor conheça cada um de seus alunos e esteja atento às dificuldades de cada um, para que essas não se transformem num problema. (GARCIA, 1995).

No caso da disfunção cerebral, ainda para Garcia (1995), as crianças são inteligentes, socialmente são normais e apresentam informações verbais adequadas. As suas dificuldades ocorrem em áreas específicas, por exemplo, uma incapacidade de identificar as letras, conseqüentemente, palavras. Uma área do cérebro não funciona, adequadamente, neste caso, aquela responsável pela percepção e análise visual. O restante do cérebro está intacto. Esta disfunção cerebral afeta áreas específicas relacionadas à linguagem, leitura, escrita, cálculo, motricidade, raciocínio, memória, atenção etc. Em estudos anátomo-patológicos alguns autores encontraram micro lesões no córtex cerebral (lesões microscópicas como alterações dos neurônios, das sinapses etc.) que não são vistas nos exames realizados, como o RX de crânio, Tomografia e Ressonância Magnética. Essas crianças sofrem muito e, muitas vezes, são confundidas como criança pouco inteligente, preguiçosa, desleixada, quando, na verdade, o seu impedimento não é em nível intelectual, mas de execução.

Ainda segundo Garcia (1995), na disfasia a criança pode ter dificuldade em nível de expressão (disfasia expressiva) ou compreensão (disfasia compreensiva). Há disfunção do lobo frontal a primeira (área de Broca) e do lobo temporal na segunda (área de Wernick). Clinicamente o comprometimento é importante: são crianças que não elaboram frases, expressam as partes finais das palavras (“eta” por borboleta, “aço” por palhaço), com 3 ou 4 anos de idade. O atendimento fonoaudiológico deve ser precoce, nesta idade ou até antes. O risco de esta criança apresentar dislexia ou disortografia na idade escolar é muito grande. Deve-se considerar que as “disfalias” são quadros preocupantes e graves diferentes da “dislalia” ou “atraso simples da linguagem”, em que ocorrem trocas simples e evoluem para melhora rapidamente com atendimento fonoaudiológico e que estão relacionados com falta de maturidade e fatos ambientais. Para Garcia (1995, p 32), a dislexia é:

Uma dificuldade duradoura na aquisição da leitura. Para se constatar esse distúrbio, é preciso descartar algumas outras situações que não devem ser confundidas: a criança não deve ter bloqueios emocionais que a impeçam de aprender; não deve ser nova demais para a alfabetização, isto é, exclui-se a imaturidade; deve ter tido pelo menos dois anos de escolaridade, com uma didática adequada. Isto significa que apenas aos 8-9 anos pode-se afirmar que a criança é disléxica. O quadro de dislexia pode variar desde uma incapacidade quase total em aprender a ler, até uma leitura quase normal, mas silabada, sem automatização. Surge em 7 a 10% da população infantil, independente de classe sócio-econômica, pois se exclui a didática deficiente. O quadro básico é de uma criança que apresenta dificuldade para identificação dos símbolos gráficos. O distúrbio se encontra ao nível das funções de percepção, memória e análise visual. A área do cérebro responsável por estas funções se encontra ao nível do lobo occipital e parietal, principalmente.

Segundo (GARCIA 1995) a criança disléxica não deve ser alfabetizada pelo método global, uma vez que não consegue perceber o todo. Precisa de um trabalho fonético e repetitivo, pois terá muita dificuldade na fixação dos fonemas. Necessita de um plano de leitura que inicie por livros muito simples, mas motivadores, aumentando gradativamente, e só à medida que lhe for possível, a complexidade.

O termo disgrafia é a dificuldade (parcial), porém não a impossibilidade para a aprendizagem da escrita de uma língua. Assim, de acordo com a divisão tradicional, a disgrafia se subdivide em: a disgrafia específica ou propriamente dita e disgrafia motora. Conforme Garcia 2002, na primeira delas, não se estabelece uma relação entre o sistema simbólico e as grafias que representam os sons, as palavras e as frases. A isto se denomina simplesmente disgrafia. A segunda ocorre quando a motricidade está particularmente em jogo, mas o sistema simbólico não. A isto se denomina discaligrafia, entendendo-a não somente como o resultado de uma alteração motora, mas também de fatores emocionais (restrição do eu etc.), o que altera a forma da letra.

A disortografia muitas vezes acompanha a dislexia, mas pode também vir sem ela. É a impossibilidade de visualizar a forma correta da escrita das palavras. A criança escreve seguindo os sons da fala e sua escrita por vezes tornam-se incompreensível. Não adianta trabalhar por repetição, isto é, mesmo que escreva a palavra vinte vezes, continuará escrevendo-a erroneamente. É preciso trabalhar de outras formas, usando a lógica quando isso é possível, a



conscientização da audição em outros casos, como por exemplo: em “s” e “ss”, “i” e “u” etc. A disortografia pode ser observada na realização do ditado onde se apresentam trocas relacionadas à percepção auditiva. Por exemplo: F por V (faca/vaca), a disfunção ocorre no nível do lobo temporal. Na escrita espontânea (por redação, interpretação de textos lidos ou ouvidos) há também envolvimento das áreas visuais (lobo parietal e occipital). (GARCIA, 1995).

O déficit de atenção com ou sem hiperatividade é um quadro em que os impulsos em nível cerebral se dão numa velocidade muito acima do normal. As conseqüências podem ser diversas, como falta de atenção, impulsividade e agressividade e, também, criança portadora desse quadro tende a ser desorganizada, desleixada, desastrada. Com isso, recebe repreensões freqüentes, que prejudicam sua auto-imagem. É necessário tentar inverter esse círculo vicioso, reforçando a criança em pequenas atitudes positivas, para que perceba que é capaz de coisas boas e volte a acreditar em si, melhorando sua produção.

Segundo Garcia (1995), o déficit de atenção pode estar associado ou não à hiperatividade. Ocorre predominantemente em meninos com início antes dos 7 anos. Muitas vezes há história de movimentos acentuados da criança intra-útero, distúrbios do sono no primeiro ano e excesso de movimentos aos 3-4 anos de idade. Na pré-escola e início do 1º ano há dificuldade de atenção para os conteúdos ensinados. Não param na carteira, perdem a atenção frente a qualquer estímulo externo, são impulsivos, perdem o material, não se organizam nas tarefas, entre outros.

Estas dificuldades devem ocorrer na escola, no lar, no clube ou em qualquer outro ambiente. Garcia (1995) afirma, ainda, que a intensidade é variável (leve, moderada, intensa, sendo indicado tratamento nos casos mais preocupantes). A criança pode apresentar dificuldade na aprendizagem escolar (algumas vezes associadas a outras disfunções) ou distúrbio de conduta.

## 2.4. DIAGNÓSTICO DE DISLEXIA

Segundo Fernandez (1991), para fazer um diagnóstico correto da dislexia deve-se verificar inicialmente, se na história familiar existem casos de dislexia ou de dificuldades de aprendizagem e se na história desenvolvimental da criança, ocorreu um atraso na aquisição da linguagem, pois as pessoas disléxicas pensam primariamente através de imagens e sentimentos, e não com sons e palavras, sendo bastante intuitivas.

Sobre este aspecto, pode-se ler:

A palavra diagnóstica provém de dia (através de) e gnosia (conhecimento). Se nos atemos à origem etimológica e não ao uso comum (que pode significar rotular, definir, etiquetar), podemos falar de diagnóstico como “um olhar-conhecer através de”, que relacionaremos com um processo, com um transcorrer, com um ir olhando através de alguém envolvido mesmo como observador, através da técnica utilizada e, nesta circunstância, através da família. (FERNANDEZ, 1991, p. 12).

O primeiro passo é excluir as possibilidades de outros distúrbios. Há problemas de origem neurológica, sensoriais, emocionais ou mesmo dificuldades de aprendizagem por falta de ensino adequado ou de um meio sócio-cultural satisfatório. (FERNANDEZ, 1991). O diagnóstico é realizado por uma equipe multidisciplinar, a avaliação deverá identificar dificuldades e necessidades da criança, assim como suas potencialidades.

A avaliação tem seu início com o psicólogo entrevistando os pais, e enviando um questionário para o professor. (FERNANDEZ, 1991) Após, o psicólogo realizará uma bateria de testes, onde avaliará o nível de inteligência e aplicará testes visomotores, neuropsicológicos e de personalidade.

Seguindo a avaliação, o fonoaudiólogo e o psicopedagogo aplicarão:

testes de lateralidade (direita, esquerda, mista) e avaliação da aquisição das habilidades (organização espacial e temporal, discriminação e percepção visual e auditiva, memórias tátil e cinestésica, memória imediata e de longo prazo, organização de figuras e praxias orofaciais), teste de leitura (segmentação de palavras – sons unitários e em sílabas, grupos consonantais, dígrafos, vocabulário adquirido, leitura oral e silenciosa, com compreensão e habilidade para a aquisição fonológica) e testes de linguagem escrita (ditado, cópia, escrita espontânea e material escolar). Também, são solicitados

parecer neurológico e testes oftalmológicos e audiométrico. (FERNANDEZ, 1991, p. 18).

Para Fernandez (1991). O diagnóstico final só acontece quando a equipe discute e direciona as suas necessidades, através da entrevista devolutiva, que é feita com os pais. Se o disléxico não for submetido a uma instrução especializada, pode permanecer analfabeto ou semialfabetizado. Geralmente os disléxicos ficam excluídos das profissões e vocações que exigem uma preparação acadêmica. A criança com dislexia precisa de acompanhamento para estudar.

## 2.5. A DISLEXIA E A ALFABETIZAÇÃO

Do ponto de vista de Lima (2002), o desenvolvimento e da construção de significados, só pode ser significativo para a pessoa aquilo do qual ela possui um mínimo de experiências e de informação. Por isso, o disléxico precisa olhar e ouvir atentamente, observar os movimentos da mão quando escrever e prestar atenção aos movimentos da boca quando fala.

Desta maneira, a criança disléxica associará a forma escrita de uma letra tanto com seu som como com os movimentos, pois falar, ouvir, ler e escrever, são atividades da linguagem. Para Lima (2002 p. 12), é função da escola “ampliar a experiência humana, portanto a escola não pode ser limitada ao que é significativo para o aluno, mas criar situações de ensino que ampliem a experiência, aumentando os campos de significação.”

Para Fonseca (1995), muitos autores têm defendido o método fonético como o mais adequado na alfabetização de disléxicos e não disléxicos. Os métodos fonéticos favorecem a aquisição e o desenvolvimento da consciência fonológica que é a capacidade de perceber que o discurso espontâneo é uma seqüência de sentenças e que esta é uma seqüência de palavras (consciência da palavra); que as palavras são uma seqüência de sílabas (consciência silábica) e que as sílabas são uma seqüência de fonemas (consciência fonêmica), o que auxiliaria muito nas dificuldades dos alunos disléxicos.

Fonseca (1995, p. 38) retrata muito bem sobre o método fonético, quando diz que:

Uma coisa é a criança que não quer aprender a ler, outra é a criança que não pode aprender a ler com os métodos pedagógicos tradicionais. Não podemos assumir atitudes reducionistas que afirmam que a dislexia não existe. De fato, a dislexia é muito mais do que uma dificuldade na leitura. A dislexia normalmente não aparece isolada, ela surge integrada numa constelação de problemas que justificam uma deficiente manipulação do comportamento simbólico que trata de uma aquisição exclusivamente humana.

A fim de auxiliar o aluno disléxico em suas dificuldades, segundo Fonseca (1995), a escola deve dar encorajamento; atender e respeitar as capacidades e os limites da criança; estar informada, para amparar a criança em sua dificuldade; manter o professor da classe familiarizado e sensibilizado com a dislexia, para compreender e apoiar a criança, na sala de aula; reconhecer a necessidade de ajuda extra; e desenvolver um clima de paciência, com a finalidade de que as crianças possam ter tempo suficiente para cumprir suas tarefas e, até mesmo, repeti-las várias vezes para retê-las.

Para Fonseca (1995), é importante, também, conscientizar toda a comunidade escolar que estas “facilidades” dadas aos disléxicos, na verdade, representam a única forma que este tem para competir em igualdade de condições com seus colegas.

O papel do professor é dirigir um olhar flexível para cada aluno que tenha dificuldade, é compreender a natureza dessas dificuldades, buscar um diagnóstico especializado, uma orientação para melhorar o dia-a-dia da criança, e se instrumentalizar, pois há muitos professores que lecionam e não sabem o que é dislexia. (FONSECA, 1995). Sobre o papel do aluno com dificuldade de aprendizagem, encontrou-se que:

Somos de opinião que o professor primário deve ele próprio construir os seus instrumentos de diagnóstico pedagógico (diagnóstico informal) a fim de conduzir a sua atividade mais coerentemente... É do maior interesse o uso de instrumentos que permitam detectar precocemente qualquer dificuldade de aprendizagem, pois só assim uma intervenção psicopedagógica pode ser considerada socialmente útil, pois quanto mais tarde for identificada a dificuldade, menos hipóteses haverá para solucionar corretamente. (FONSECA, 1995, p. 18).

## 2.6. LEITURA E ESCRITA

Segundo Pinto (2003), na leitura podem existir três tipos de dificuldades, sendo, a primeira delas, o atraso geral de leitura, ocasionado por baixa inteligência e que se caracteriza pela dificuldade de leitura de palavras isoladas e pela dificuldade de compreensão de textos. A criança que apresenta este problema tem também atraso em todas as outras aprendizagens. Uma segunda dificuldade é o atraso específico de leitura, que compreende dificuldades na leitura de palavras isoladas e na compreensão do texto, não significando que a criança não seja inteligente para outras aprendizagens, pois o seu atraso é apenas em leitura e escrita. E uma terceira dificuldade, é de compreensão, que apenas se refere à dificuldade para entender o texto, embora ela consiga ler textos ou palavras isoladas.

Por isso, é importante proporcionar a criança manusear o material de leitura, escrever e desenvolver o gosto pela leitura. Incentivando-a, através das seguintes sugestões: lendo todos os dias, bons livros, jornais, revistas, qualquer coisa que realmente a interesse, encorajando-a a ler todos os tipos de texto, permitindo o uso de marcadores para seguir a leitura, encontrando alguém que possa ler os textos para ela, gravando os textos para ajudá-la, dividindo a leitura de um livro de história com algum colega e usando canetas marca-texto, para ressaltar os itens a serem lembrados. E depois de ter lido o texto, a criança poderá reler o título e explicá-lo, observar as figuras e dar uma interpretação, rever o vocabulário das palavras do texto, desenvolver uma lista de palavras que ela erra constantemente, ler as perguntas, se houver, ou criar perguntas para testar sua interpretação, ler os títulos dos capítulos e comentá-los e desenhar a respeito do que foi lido. (PINTO, 2003).

Na dislexia, em geral, a dificuldade de leitura persiste até a idade adulta. Para Pinto (2003), a dificuldade de ortografia geralmente acompanha a de leitura, o que é compreensível por serem habilidades relacionadas. Muitas pessoas aparentemente normais, ou mesmo com grande capacidade de leitura, podem apresentar dificuldades de ortografia. Neste sentido, pode-se observar que:

O enfoque da psicolingüística, ramo interdisciplinar da psicologia cognitiva e da lingüística aplicada, considera a leitura como uma habilidade complexa na qual intervém uma série de processos cognitivo-lingüístico de distintos níveis, cujo início é um estímulo visual e cujo final deve ser a decodificação desse estímulo e sua compreensão. (PINTO, 2003, p. 45).

Para Coll (1995), a dificuldade, na leitura, significa apenas o resultado final de uma série de desorganizações que a criança já vinha apresentando no seu comportamento pré-verbal, não-verbal, e em todas aquelas funções básicas necessárias, para o desenvolvimento da recepção, expressão e integração, condicionadas à função simbólica. Sobre este aspecto, Coll (1995, p. 14).

há uma série de requisitos para um desenvolvimento ideal da linguagem que são, em primeiro lugar, de natureza sensorial, motora e neurológica. Para um desenvolvimento harmonioso da linguagem, precisa-se da integridade anatômica e funcional de todos os órgãos que participam de seu processo de produção-recepção. Destacaremos, por sua especial importância, o aparelho respiratório, os órgãos fonatórios, o aparelho auditivo, as vias nervosas e as áreas corticais e subcorticais motoras e sensoriais.

Por isso, uma criança pode reconhecer as letras do alfabeto, de sua língua materna, mas se não souber os fonemas da fala, representados pelos signos gráficos, não vai conseguir ler um texto. (PENNINGTON, 1997). Entre alguns fatores ligados a incapacidade de ler, estão a capacidade intelectual, percepção visual e auditiva (boa visão e audição), noção de esquema corporal, orientação no espaço e no tempo, linguagem e conhecimento do código lingüístico e fatores emocionais que acompanham todos os outros.

Na leitura, notam-se confusões de grafemas, cuja correspondência fonética é próxima ou cuja forma é aproximada, bem como a existência de inversões, omissões, adições e substituições de letras e sílabas. Segundo Pennington (1997), ao nível da frase, existe uma dificuldade nas pausas e ritmos, bem como revelam uma análise compreensiva da informação, leitura deficitária (muitas dificuldades em compreender o que lêem).

Pennington (1997), ainda enfoca bem este aspecto quando diz que os disléxicos têm um problema com o reconhecimento de palavras e este problema é devido a um déficit no uso dos códigos fonológicos para reconhecer palavras. Quanto mais se lê, mais se precisa traduzir seqüências de letras

impressas em pronúncias de palavras. Para fazer isso, precisa-se compreender que o alfabeto é um código para fonemas, os sons individuais da fala na linguagem, e precisa-se ser capazes de usar estes código rápida e automaticamente, de modo que se possa nos concentrar no significado do que se lê.

No que concerne à produção escrita, verifica-se a presença de muitos erros ortográficos, grafia disforme e ilegível, como também lacunas na estruturação e seqüenciação lógica das idéias. (PENNINGTON, 1997).

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Esta pesquisa foi de orientação qualitativa. Na pesquisa qualitativa, fundamentada em uma epistemologia qualitativa, segundo (GONZÁLEZ REY 1998, p.65 )

os instrumentos deixam de ser vistos como um fim em si mesmo (instrumentalismo positivista) para se tornar uma ferramenta interativa entre o investigador e o sujeito investigado. Em outros termos, o instrumento deixa de ser considerado a via de estudo das respostas do sujeito, para englobar os procedimentos usados pelo pesquisador para estimular a expressão e a construção de reflexões pelo sujeito que estão além das possibilidades definidas pelos instrumentos.

Ainda para este autor, a investigação qualitativa:

que se defende substitui a resposta pela construção, a verificação pela elaboração e a neutralidade pela participação. O investigador entra no campo com o que lhe interessa investigar, no qual não supõe o encerramento no desenho metodológico de somente aquelas informações diretamente relacionadas com o problema explícito no projeto, pois a investigação implica a emergência do novo nas idéias do investigador, processo em que a o marco teórico e a realidade se integram e se contradizem de formas diversas no curso da produção teórica. (GONZÁLEZ REY, 1998, p.42,)

#### 3.2. INSTRUMENTO DA PESQUISA

Foi utilizado como instrumento para o processo de coleta de dados o questionário (Vide Apêndice), aplicado a professores de instituições de ensino, colhendo informações referentes à posição da escola e do professor em relação à dislexia, que é tratada como dificuldade na aprendizagem.

Segundo (Parasuraman, 1991, p. 31), um questionário:

é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. Embora o mesmo autor afirme que nem todos os projetos de pesquisa utilizam essa forma de instrumento de coleta de dados, o questionário é muito importante na pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais.



Este autor afirma, ainda, que construir questionários não é uma tarefa fácil e que aplicá-los demanda tempo e esforço. Não existe uma metodologia padrão para o projeto de questionários, porém existem recomendações de diversos autores com relação a essa importante tarefa no processo de pesquisa científica. (PARASURAMAN, 1991).

### 3.3. CENÁRIO E PARTICIPANTES

Foram investigados professores da 3ª série das séries iniciais do ensino fundamental e, para tanto, foi selecionada uma escola na Região Administrativa do Paranoá, Distrito Federal.

O questionário foi aplicado em quatro professores desse nível de ensino.

### 3.4. ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

A pesquisa em questão foi dividida em quatro fases, realizadas no período de março a novembro de 2007.

A primeira fase foi a construção do projeto, que ocorreu no primeiro semestre de 2007, onde se procurou iniciar a elaboração da fundamentação teórica, base para a realização da pesquisa, que foi complementada nos meses de agosto a setembro.

Em agosto e setembro de 2007, também ocorreu a elaboração e aplicação do instrumento para a coleta de dados.

A penúltima fase foi a análise e discussão dos dados, que aconteceu em outubro do corrente ano.

Na última fase ocorreram a construção do relatório final e apresentação oral, em novembro de 2007.

### 3.5. ESPECIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS

As categorias selecionadas para a organização, análise e discussão dos dados coletados foram:

- Conceituação de dislexia
- Interferência da dislexia na aprendizagem
- Características da dislexia
- Procedimentos diante do aluno disléxico
- Escola/ família no trabalho com a dislexia

### 3.6. ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os questionários foram aplicados numa escola pública do Distrito Federal, localizada na região administrativa do Paranoá, Distrito Federal, cujos participantes foram quatro docentes do sexo feminino e na faixa etária entre 20 e 49 anos. Todas as professoras são formadas em Pedagogia e têm mais de 3 anos de magistério.

Os dados coletados foram organizados, analisados e discutidos nas categorias propostas, conforme descrição a seguir:

- Conceituação de dislexia

**Professora 1:** “É uma dificuldade que a criança tem com a pronúncia e a escrita das palavras trocando as letras, pronunciando e escrevendo erradamente.”

**Professora 2:** “Distúrbio que interfere na escrita e na aprendizagem para aquisição desta.”

**Professora 3:** “É quando a criança tem dificuldade na pronúncia e na escrita.”

**Professora 4:** “Dificuldades de aprendizagem relacionadas ao cognitivo ou mesmo ao afetivo do aluno.”

Todas as professoras afirmaram que a dislexia é uma dificuldade de aprendizagem que interfere na escrita.

Segundo Guerra (2002), a dislexia é uma específica dificuldade de aprendizado da linguagem: em leitura, soletração, escrita, em linguagem expressiva ou receptiva, em razão e cálculos matemáticos, como na linguagem corporal e social. Não tem como causa a falta de interesse, de motivação, de esforço ou de vontade, como nada tem a ver com acuidade visual ou auditiva. Dificuldades no aprendizado da leitura, em diferentes graus, é característica evidenciada na maioria dos disléxicos.

- Interferência da dislexia

**Professora 1:** “Sim, porque não consegue identificar as letras corretamente.”

**Professora 2:** “Sim uma criança com dislexia possui dificuldades como trocas de fonemas.”

**Professora 3:** “Sim, porque não consegue identificar as letras corretamente.”

**Professora 4:** “Se não for diagnosticada e tomadas algumas providências, acredito que sim.”

Todas as professoras concordaram que na dislexia há a troca de letras.

Para Myklebust (apud GUERRA, 2002), a dislexia visual é a dificuldade de discriminação visual inerente às características das letras (grafemas): tamanho, forma, linhas retas ou curvas, ângulos, orientação vertical ou horizontal. Quando as letras não são reconhecidas como letras, tem-se uma dislexia visual. Nesse caso, não é a função de compreensão ou significação que está em pauta: o problema é o da discriminação que afeta a codificação visual dos grafemas e a formação das palavras, prejudicando a simbolização. Da identificação das letras (aspecto visual) à síntese das sílabas, aspecto

também auditivo, destas às palavras, podem passar-se diferentes problemas de reconhecimento visual.

- Características da dislexia

**Professora 1:** “Dificuldades na escrita.”

**Professora 2:** “Apresenta dificuldades em concentração, leitura e aprendizagem de fonemas, troca de letras etc.”

**Professora 3:** “Dificuldade na escrita, troca de letra p com b.”

**Professora 4:** “Falta de atenção.”

A professora 4 acha que a criança tem falta de atenção. E a professora 2 acha que a criança tem mais dificuldade em concentração.

Pennington (1997) enfoca bem este aspecto, quando ele afirma que os disléxicos têm um problema com o reconhecimento de palavras e este problema é devido a um déficit no uso dos códigos fonológicos para reconhecer palavras. Quanto mais se lê, mais se precisa traduzir seqüências de letras impressas em pronúncias de palavras. Para fazer isso, precisa-se compreender que o alfabeto é um código para fonemas, os sons individuais da fala na linguagem, e ser capazes de usar estes códigos.

- Procedimentos diante do aluno disléxico

**Professora 1:** “Trabalhar muito com leituras, identificar palavras.”

**Professora 2:** “Busco parcerias para ajudar o aluno a solucionar as dificuldades apresentadas.”

**Professora 3:** “Trabalhar muita leitura, identificar palavras e treino de letras.”

**Professora 4:** “Oferece reforço em horário contrário.”

Segundo Pinto (2003) na leitura, são encontrados três tipos de dificuldades, sendo elas: a primeira delas é o atraso geral de leitura, ocasionado por baixa inteligência e que se caracteriza pela dificuldade de leitura de palavras isoladas e pela dificuldade de compreensão de textos. A

criança, que apresenta este problema, tem também atraso em todas as outras aprendizagens. Uma segunda dificuldade é o atraso específico de leitura, que compreende dificuldades na leitura de palavras isoladas e na compreensão do texto. Isso não significando que a criança não seja inteligente para outras aprendizagens, pois o seu atraso é apenas em leitura e escrita. E uma terceira dificuldade, é de compreensão, que apenas se refere à dificuldade para entender o texto, embora ela consiga ler textos ou palavras isoladas.

Por isso, é importante proporcionar à criança o manuseio de material de leitura, a escrita e o desenvolvimento do gosto pela leitura, Incentivando-a, através das seguintes sugestões: lendo, todos os dias, bons livros, jornais, revistas, qualquer coisa que realmente a interesse; encorajando-a a ler todos os tipos de texto, permitindo o uso de marcadores para seguir a leitura, encontrando alguém que possa ler os textos para ela; gravando os textos para ajudá-la; dividindo a leitura de um livro de história com algum colega; e usando canetas marca-texto, para ressaltar os itens a serem lembrados. Depois de ter lido o texto, a criança poderá reler o título e explicá-lo; observar as figuras e dar uma interpretação; rever o vocabulário das palavras do texto; desenvolver uma lista de palavras que ela erra constantemente; ler as perguntas, se houver, ou criar perguntas para testar sua interpretação; ler os títulos dos capítulos; e comentá-los e desenhar a respeito do que foi lido. (PINTO, 2003)

- Escola/ família no trabalho com a dislexia

**Professora 1:** "Trabalho com a família ainda é algo a se oferecer. A escola necessita de profissionais com melhor preparo para resolver este problema."

**Professora 2:** "Desconheço"

**Professora 3:** "O ideal é que haja uma parceria, para que ambos tenham um trabalho lucrativo."

**Professora 4:** "Nas escolas que atuei anteriormente, sim; na qual estou atualmente, ainda não aconteceu isso."

A professora 2 disse que desconhece qualquer trabalho entre família e escola. Já a professora 4 disse que isto acontecia em outra escola onde havia trabalhado, mas que não ocorre atualmente.

Para auxiliar o aluno disléxico em suas dificuldades, a escola deve dar encorajamento. Segundo (FONSECA 1995), deve atender e respeitar as capacidades e os limites da criança; estar informada para amparar a criança em sua dificuldade; manter o professor da classe familiarizado e sensibilizado com a dislexia, para compreender e apoiar a criança, na sala de aula; reconhecer a necessidade de ajuda extra; e desenvolver um clima de paciência, para que as crianças possam ter tempo suficiente para cumprir suas tarefas e, até mesmo, repeti-las várias vezes para retê-las.

Para Fonseca (1995), é importante, também, conscientizar toda a comunidade escolar de que estas “facilidades” dadas aos disléxicos, na verdade, representam a única forma que este tem para competir em igualdade de condições com seus colegas.

O papel do professor é dirigir um olhar flexível para cada aluno que tenha dificuldade, é compreender a natureza dessas dificuldades, buscar um diagnóstico especializado, uma orientação para melhorar o dia-a-dia da criança, e se instrumentalizar, pois há muitos professores que lecionam e não sabem o que é dislexia. (FONSECA, 1995).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Com relação ao tema abordado nesta monografia, foi possível perceber a importância das dificuldades enfrentadas pelos alunos em sala de aula.

Enfrentando suas dificuldades, a criança começa a adquirir confiança e, também, a capacidade de viver em grupo, posicionar-se melhor diante dos problemas, e achar alternativa ou respostas, dentro das necessidades e interesses do grupo social.

A partir disso, a criança começa a assumir sua função de cidadã dentro da sociedade.

Vale lembrar que, a realização desse trabalho mostrou, no cerne do referencial teórico, situações em que alguns tipos de dificuldades às vezes não são percebidas facilmente e não são reconhecidos na escola e na sociedade, cujos sujeitos não vêem motivo especial para aprenderem o que já sabem ou dão pouca importância à rotina escolar.

Este projeto constatou, ainda, a importância na adoção de metodologias de ensino, por parte dos educadores, com o objetivo de promover o estímulo dessas habilidades.

O professor precisa estar atento aos sinais emitidos pelos alunos. O processo ensino-aprendizagem deve possibilitar o aparecimento dos interesses das crianças. É necessário que esse processo seja prazeroso e que desperte nas crianças a vontade de conhecer e aprender cada vez mais.

Os conteúdos trabalhados em sala devem estar contextualizados com a realidade vivida pelos alunos e permitir, aos mesmos, a possibilidade de encontrar outros caminhos para responder e solucionar um dado assunto.

A criança precisa perceber que suas contribuições e ponderações são bem aceitas pelo grupo e, conseqüentemente, pelo professor.

Essa pesquisa foi importante, pois teve como intenção apontar aos profissionais de educação caminhos investigativos, para ajudá-los em suas práticas docentes, principalmente, ao perceberem situações no cotidiano escolar.

Além disso, esse projeto de conclusão de curso representou o encerramento de uma etapa acadêmica alcançada e, ao mesmo tempo, o início

de uma nova caminhada. Para finalizar, os educadores devem entender que o processo de aprendizagem ocorre de dentro para fora e não de fora para dentro. Deve-se considerar a subjetividade que cada criança traz consigo.



## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano. **Novas contribuições na Psicologia aos processos de ensino aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2001.

CHARLES, Catarina, A. **Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GARCIA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem – Linguagem, leitura e matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GUERRA, Leila Boni. **A criança com dificuldades de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2002.

STRICK, Corinne Smith Lisa. **Dificuldade de Aprendizagem de A a Z**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GONZÁLEZ REY, F. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: Educ, 1997.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CONDEMARIN, Mabel e BLOMQUIST, Marlys. **Dislexia: manual de leitura corretiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FERNANDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada – Abordagem Psicopedagógica Clínica e Sua Família**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

LIMA, Elvira Souza. **Quando a criança não aprende a ler e a escrever**. São Paulo: Sobradinho, 2002.

Parasuraman, A. ***Marketing research***. New York: Addison-Wesley Publishing Co, 1991.

## APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO A PROFESSORES



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
 FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE  
 PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS  
 DO ENSINO FUNDAMENTAL  
 NOME DA ENTREVISTADORA:  
 DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2007

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE O TEMA: DIFICULDADE DE  
 APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS - A DISLEXIA.

## IDENTIFICAÇÃO

Sexo: F ( ) M ( )

Faixa etária: 20 a 29 \_\_\_\_\_

50 a 59 \_\_\_\_\_

30 a 39 \_\_\_\_\_

60 em diante \_\_\_\_\_

40 a 49 \_\_\_\_\_

Escola em que leciona: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

Tempo de Magistério: \_\_\_\_\_

## QUESTÕES

1. Para você o que vem ser a dislexia?

2. Como podemos identificar a dislexia?

3. A dislexia interfere na aprendizagem das crianças? Explique.

4. Quais as características que apresenta uma criança disléxica?

~

5. Como você age com o aluno com dislexia?

6. Que procedimentos podem ser utilizados quando o aluno apresenta este problema? A escola oferece algum tipo de ajuda a esses alunos.

7. Existe um trabalho conjunto escola e família? Comente.